

“Criar com” Nietzsche: as virtudes filológicas da honestidade, prudência e coragem

Danilo Bilate*

Resumo: Trata-se de refletir, a partir de Nietzsche, sobre como ler e como comentar, tendo em vista a sua figura de “leitor ideal”, isto é, considerando as virtudes que ele mesmo enumerou para a prática filológica. Defenderemos, assim, que recusar a univocidade da leitura, ao reconhecer o seu caráter perspectivo, não é defender a anarquia interpretativa e que um recorte perspectivo não pode ser uma arbitrariedade. Portanto, defenderemos o paradoxo de que a leitura criativa deve ser uma interpretação honesta.

Palavras-chave: Leitura; Interpretação; Comentário

"Create with" Nietzsche: the philological virtues of honesty, prudence and courage

Abstract: Our goal is to reflect, from Nietzsche, on how to read and how to comment, considering his figure of "ideal reader", that is, considering the virtues that he enumerated for philological practice. We will defend, therefore, that to reject the univocity of reading, recognizing its perspective character, is not to defend the interpretive anarchy and also that a perspective cut cannot be an arbitrariness. Therefore, we will defend the paradox that creative reading must be an honest interpretation.

Keywords: Reading; Interpretation; Comment

Introdução

No início de sua autobiografia, Nietzsche escreve: “Prevendo que dentro em pouco devo dirigir-me à humanidade com a mais séria exigência que jamais lhe foi colocada, parece-me indispensável dizer *quem sou*”. Ir ao texto, à friezada da letra, às dificuldades das vírgulas e aspas, travessões, reticências e grifos, discutir traduções de termos para buscar entender quem se faz e se diz ali é o trabalho incansável e interminável de seus comentadores. Contudo, por que se faz preciso dizer *quem é* Nietzsche, se possivelmente ele mesmo o disse não apenas em *Ecce Homo* como em todos os seus escritos? Em outras palavras, por que julgar-se em condições de esclarecer, de redizer de modo mais claro, aquilo que já foi dito pelo próprio autor? Para responder tais perguntas, continuaremos com o mesmo aforismo de Nietzsche, quando ele diz: “Nessas

* Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Seropédica, RJ, Brasil. Contato: danielobilate@yahoo.com.br

circunstâncias existe um dever, contra o qual no fundo revoltam-se os meus hábitos, e mais ainda o orgulho de meus instintos, que é dizer: *ouçam-me! Pois eu sou tal e tal. Sobretudo não me confundam!*”. É necessário dizer, é imperativo que se diga: “ouçam-me!”. Nietzsche nos pede que o escutemos. “Ouvir” talvez não seja uma metáfora que transponha a visão da leitura para a audição. “Ouvir” é o verbo que anuncia um pedido incisivo, uma solicitação enfática, feita para o leitor por aquele que escreve e *grita*. A transposição metafórica anuncia esse grito. O *Sperrsatz* alemão que separa letra por letra de cada palavra do grito, esse grifo-grito soletra e esse soletrar é a exigência de atenção que é feita para o leitor. Essa exigência didaticamente e pacientemente explica: “eu sou tal e tal”, donde se conclui que só aí, no texto mesmo, encontraremos o autor. O pedido gritado, soletrado, solicita: “não me confundam!” e a exclamação o confirma. É um pedido que grita para que sejamos honestos com ele, para que o entendamos como tal, como aquele que de fato é e não como outro. E se o comentador o pretende descrever, a descrição precisa ouvir esse pedido feito para o futuro, esse pedido feito a nós. Afinal, diz ele no mesmo local, “a desproporção entre a grandeza de minha tarefa e a *pequenez* de meus contemporâneos manifestou-se no fato de que não me ouviram, sequer me viram”¹. Portanto, uma leitura honesta, uma escuta honesta, que não confunda Nietzsche e que o distinga da mediocridade de sua época ou de toda e qualquer mediocridade, é a homenagem póstuma que mais lhe convinha.

A honestidade

A honestidade é esse afeto que Nietzsche nomeia como a única virtude que ainda lhe restaria. A virtude que ele deseja poder “um dia pairar, como uma dourada, azul, sarcástica luz de entardecer, sobre essa cultura minguante e sua seriedade opaca e sombria!”². Como podemos ver, a pequenez pela qual Nietzsche qualifica a cultura de seu tempo é contraposta à honestidade pelo jogo metafórico da luz e da sombra. De fato, aquele que quer ser um de seus “leitores legítimos” (*rechten Leser*), precisa “ser honesto [*rechtschaffen*] até a dureza”³. Portanto, para lê-lo legitimamente, essa luz dourada se faz necessária: “O olho não vê mais nada, não lá onde o teu cessa de distinguir o que é, mas

¹ *Ecce Homo* (doravante EH), Prefácio, §1. Ver também o §371 de *A gaia ciência* (doravante GC), o prólogo do *Anticristo* (doravante AC) e o §15 das “Máximas e flechas” do *Crepúsculo dos ídolos* (doravante CI).

² *Além do bem e do mal* (doravante BM), §227. Ver também o FP 1[145] do outono de 1885 – primavera de 1886, onde Nietzsche escreve: “essa última virtude, *nossa* virtude, tem nome: honestidade”.

³ AC, Prólogo.

lá onde cessa a tua honestidade”, diz Nietzsche⁴. A metáfora da luz e da sombra é explicada por outra metáfora, essa da visão oposta à cegueira. A boa visão ou a visão iluminada seria aquela que faz justiça às coisas. Por outro lado, a visão obscura ou a cegueira seria a injustiça de não conhecer uma coisa sem deformá-la: “Considerar inicialmente o outro como uma *coisa*, um *objeto do conhecimento*, para o qual é preciso fazer *justiça*: a *honestidade* proíbe *ignorar* e tratá-la sob alguns pressupostos imaginários e superficiais”⁵. O objetivo da honestidade é conhecer de maneira justa uma coisa sem criar ideais que a contradigam⁶. Ela é, portanto, uma vontade de não se enganar⁷; movimento reflexivo, ela é uma pulsão que se dirige para o outro, mas também para o si mesmo, “honestidade para consigo mesmo”⁸, quer dizer, “veracidade” ou “amor pela verdade”⁹.

Como amor, ela pode provocar o prazer e a alegria, quando a percepção das coisas é justa e quando, por consequência, nós nos reconhecemos como honestos. É nesse sentido que devemos ler as seguintes passagens de Nietzsche: “Todas as nossas pulsões devem [...] assimilar pouco a pouco razão e honestidade, tornar-se mais esclarecidas e perder assim sempre suas razões para se desconfiar umas das outras: assim poderá um dia nascer uma alegria mais intensa e mais fundamental”¹⁰. Disso se conclui inicialmente que a leitura do texto nietzschiano, tal como ele a exigiu, é um esforço alegre e prazeroso. Ser honesto com ele significa enfim ser honesto conosco. Mas esse percurso pode ser ameaçado. Como é possível que um imoralista queira virtudes morais? De fato, como veracidade e amor pela verdade, a busca por honestidade é, para Nietzsche, característica da moralidade¹¹. No entanto, não é por ele recusada e é, inclusive, uma das virtudes que ele admite possuir e que, ao lado da piedade, é o “tu deves” que o define como um homem da consciência¹². Poderíamos recusar a honestidade por ser ela um pressuposto moral.

⁴ Fragmento Póstumo (doravante FP) 5[1] de novembro de 1882, §254 e de novo no 5[22] de novembro de 1882. Há algumas modificações dessa passagem nos preparativos do *Zarathustra*, como, por exemplo, no 16 [7] do outono de 1883.

⁵ FP 11[63] da primavera – outono de 1881.

⁶ Ver GC, §335.

⁷ Ver o FP 2[191] do outono de 1885 – outono de 1886.

⁸ *Redlichkeit gegen sich*, expressão encontrada, por exemplo, no FP 6[229] do outono de 1880. Ver também GC §344, onde Nietzsche opõe “erro, embuste, simulação, cegueira, autocegueira” e “a vontade absoluta de verdade, a vontade de não se deixar enganar”.

⁹ *Wahrhaftigkeit, Redlichkeit, Liebe zur Wahrheit* (FP 34[200] de abril – junho de 1885).

¹⁰ FP 6[274] do outono de 1880. Ver também o 6[67] da mesma época.

¹¹ “Essa exigência de um ‘Por quê?’, de uma crítica da moral, é precisamente *nossa forma atual de moralidade*, como sentido sublime da honestidade” (FP 2[191] do outono de 1885 – outono de 1886).

¹² *Aurora* (doravante AA), Prólogo, §4.

Mas também o filósofo criador que não se preocupa com a escuta honesta e deturpa o autor para usá-lo, também ele é um “homem da consciência” e essa é mesma a condição *sine qua non* de todo trabalho interpretativo. Como Nietzsche mesmo diz:

O que é a procura da verdade, da sinceridade, da honestidade, senão um fazer-se moral? E na falta dessas valorações e desses comportamentos correspondentes, como uma ciência seria possível? Retirado do saber o espírito do escrúpulo – o que resta da ciência? O ceticismo na moral não é uma contradição na medida em que é o refinamento supremo das exigências morais que aqui é precisamente motor: desde que o cético pare de vivenciar essas valorações do verdadeiro como critério, ele não tem mais nenhuma razão de duvidar nem de pesquisar¹³.

Em suma, a honestidade está sempre presente no trabalho seja do filósofo, seja do historiador da filosofia. O crucial é entender que para cada momento e para cada função acadêmica há uma tarefa a realizar. Nós não queremos ser “gado erudito”¹⁴, porque esse *décadent* que “no fundo não faz senão ‘revirar’ livros”, ele, o erudito, “acaba por perder totalmente a faculdade de pensar por si”¹⁵. Sabemos, contudo, que a academia tem certas regras e exigências. Como diz Nietzsche, “o erudito é o animal de rebanho no reino do conhecimento: ele pesquisa porque foi mandado e amestrado para tanto”¹⁶. Ser honesto, para a academia, só parece ser possível para aquele que se mantém *na* leitura, *na* escuta, *na* descrição do texto. Para nós, ao contrário, a honestidade do comentador – que ao comentar interpreta – é a honestidade de reconhecer-se no dentro-fora, isto é, de reconhecer-se no limiar, na fronteira, porque admite estar entrando e saindo, a todo o momento, continuamente enquanto comenta. Assim, reconhece-se cabalmente a impossibilidade de um comentário estanque e cristalizado, essa fantasia que nasce da pretensão de se estabelecer um comentário definitivo, o que é necessariamente desonesto porque impossível.

Coisa curiosa, o próprio Nietzsche nos lembra: “Cuidemos de que, por honestidade, não nos tornemos santos e enfadonhos!”¹⁷. A curiosidade é apenas aparente. “Não quero ‘crentes’”,¹⁸ ele assevera em outro lugar. Ao recusar discípulos-crentes, provavelmente Nietzsche tem em mente as “convicções” do “extremado fanatismo” do

¹³ FP 35[5] de maio – julho de 1885.

¹⁴ A expressão *gelehrtes Hornvieh* é encontrada em EH, Por que escrevo tão bons livros, §1.

¹⁵ EH, Por que sou tão inteligente, §8.

¹⁶ FP 26[13] do verão-outono de 1884.

¹⁷ BM, §227.

¹⁸ EH, Por que sou um destino, §1.

credo que difama a razão.¹⁹ Ele recusa, pois, os discípulos que o seguem por mera admiração irracional, surda e cega – sendo incapazes de qualquer criatividade. De fato, assim como não podemos confundir o intérprete com um crente, não podemos confundilo nem como um não discípulo, nem com um discípulo inerte, isto é, um eterno-discípulo. É nesse sentido que devemos entender a afirmação feita pela boca de Zaratustra, quando ele diz: “Retribui-se mal um mestre quando se permanece sempre e somente discípulo”.²⁰ A retribuição é ruim quando o discípulo se mantém sempre e somente (*immer nur*) nessa condição, mas a própria retribuição, movimento de recompensação, de dar em troca, pressupõe que algo foi anteriormente dado pelo mestre ao discípulo e o uso dos termos (*Lehrer* e *Schüler*), então, confirma que a relação mestre-discípulo foi estabelecida. Por esse motivo, esse mestre lembra que “também a aprender deveis, primeiro, *aprender* de mim – aprender bem!”. Zaratustra ensina a aprender a aprender e esse ensinamento é provavelmente a significação mais íntima da máxima “*somente* a criar deveis aprender”.²¹ Entretanto, qual é exatamente o papel da criação no ensinamento de Zaratustra? Ele nos diz que “os criadores são duros” e conclui: “*tornai-vos duros!*”. Seria essa dureza o não permanecer sempre e somente discípulo; mas, ao mesmo tempo e paradoxalmente, a condição de discípulo permaneceria. Zaratustra continua: “se vossa dureza não quisesse fulgurar e cortar e retalhar, como poderíeis, algum dia – criar comigo? [*mit mir — schaffen?*]”.²² O discípulo requerido por Zaratustra, retribui bem seu mestre quando sabe se deslocar desse lugar, num jogo de entrada e saída. “Criar com” Nietzsche (*mit mir schaffen*) é o “criar” que, vestibulo do novo, sai, mas, é o “com” que permanece dentro. O “com” é o traço da honestidade. O “criar”, contudo, não é o da injustiça porque não está isolado. É “criar com”, é sair – e sempre se sai de dentro. A leitura é antes de tudo tentativa de honestidade. Quando o leitor cria, quando precisa estar mais fora do que dentro do texto, ele avisa que está fora, avisa que, naquele momento, é criador. Esse aviso é sua tentativa de honestidade.

¹⁹ *Humano, demasiado humano* (doravante HH), §630: “Convicção é a crença de estar, em algum ponto do conhecimento, de posse da verdade absoluta [...] Sempre lhe [ao crente] restava ainda a possibilidade de difamar a razão e até mesmo de levantar o *credo quia absurdum est* como bandeira do extremado fanatismo”.

²⁰ *Assim falou Zaratustra* (doravante ZA), I, Da virtude dadivosa, §3. No mesmo lugar, Nietzsche volta a recusar crentes e as crenças: “Sois os meus crentes; mas que importam todos os crentes! / Ainda não vos havíeis procurado a vós mesmos: então, me achastes. Assim fazem todos os crentes; por isso, valem tão pouco todas as crenças”.

²¹ ZA, III, De velhas e novas tábuas, §16.

²² ZA, III, De velhas e novas tábuas, §29.

Para lembrar aquilo que Deleuze diz ter aprendido com Nietzsche, a saber, “o gosto para cada um de dizer coisas em seu nome próprio”,²³ nós devemos compreender que a leitura criativa é honesta porque nunca esconde seu nome e sempre o assina. Estamos de acordo com Deleuze quando ele diz que “a história da filosofia não deve redizer o que diz um filósofo, mas dizer o que ele subentendia necessariamente, o que ele não dizia e que está, no entanto, presente no que ele diz”.²⁴ A impossibilidade de permanecer dentro do texto é a impossibilidade de redizer o que diz um filósofo sem o copiar integralmente. No momento em que interpretamos o texto, propomos uma maneira de ler isso que está apenas implícito. No entanto, se queremos ser honestos, não podemos nos opor ao que está explícito. O paradoxo que consiste em dizer o que o filósofo não diz, mas que está no seu texto, é a tensão própria de todo comentário.

A prudência

Para interpretar honestamente um texto, deve-se perceber o *pathos* que o autor quis comunicar. Nietzsche prestou atenção a essa questão e pensou em uma estratégia estilística específica para a comunicação do *pathos*²⁵. De fato, ele testa o uso inabitual e inesperado de certos signos ordinários, como o travessão e as reticências principalmente, para trabalhar o ritmo do texto. Com eles, Nietzsche prolonga a escrita na não escritura subsequente, como se quisesse fazer com que a atenção do leitor se demorasse no que acabara de ler. Arriscamo-nos a dizer ainda que talvez a escolha pela escrita em aforismos seja uma forma de produzir, com a ruptura, esse mesmo prolongamento. Não é por mero acaso que diversas vezes Nietzsche falou da importância do ritmo lento na sua escrita e chamou a atenção para que a sua leitura acompanhasse o mesmo ritmo: “Ambos somos amigos do *lento*, tanto eu como meu livro”, disse ele para acrescentar em seguida: “Não fui filólogo em vão, talvez o seja ainda, isto é, um professor da lenta leitura: – afinal, também escrevemos lentamente”.²⁶ O escritor escolhe escrever lentamente porque ele é também um professor de lenta leitura, isto é, porque ele quer ensinar seu leitor a ler bem. A metáfora da filologia²⁷ quer dizer essa dupla significação; tanto a escrita quanto a

²³ Deleuze, G. “Lettre à un critique sévère”, *Pourparles*, p.15.

²⁴ Deleuze, G. “Sur la philosophie”, *Pourparles*, p.186.

²⁵ Ver EH, Por que escrevo tão bons livros, §4.

²⁶ AA, Prólogo, §5. Ver também “Cautela no escrever e no ensinar”, HH, §200 e “Estilo da prudência”, AS, §71.

²⁷ Ver Wotling, P. *Nietzsche et le problème de la civilisation*. Primeira parte, capítulo 1.

leitura devem ocorrer lentamente: “Pois filologia é a arte venerável que exige de seus cultores uma coisa acima de tudo: pôr-se de lado, dar-se tempo, ficar silencioso, ficar lento”. Esse trabalho é resultado de um estado afetivo específico, esse impulso para o exame, “o espírito de exame e a cautela”²⁸; em outros termos, a precaução ou prudência (*Vorsicht*).

Como uma arte, a filologia é um trabalho de exame e análise muito delicado. A delicadeza e a precisão desse trabalho se fazem apenas numa longa demora. Demorando-se, pode-se prever e antecipar as etapas a serem percorridas e esse é exatamente o percurso da prudência: “como uma ourivesaria e saber da *palavra*, [*kennerschaft des Wortes*] que tem trabalho sutil e cuidadoso a realizar, e nada consegue se não for *lento*”. A lentidão é um movimento corporal que nasce desse afeto que é a prudência e com ela pode-se então ler bem Nietzsche, ou seja, “lenta e profundamente, olhando para trás e para diante, com segundas intenções, com as portas abertas, com dedos e olhos delicados...”. Por isso, ele diz em seguida que deseja “apenas leitores e filólogos perfeitos” e então pede: “*aprendam a ler-me bem!*”.²⁹ Aqui vemos mais uma vez o pedido de Nietzsche para que sejamos honestos com ele. Ler bem significa ler corretamente, o que é possível quando lemos prudentemente: “ser capaz de ler fatos *sem* falseá-los com interpretação, *sem* perder a cautela, paciência, a finura, no anseio de compreensão”.³⁰ A filologia para Nietzsche é, portanto, “escola de honestidade”³¹ e a prudência é o meio para o amor à verdade se realizar.³² Nietzsche exige leitores-filólogos honestos que o leiam bem, com delicadeza, isto é, com lentidão e profundidade: “um aforismo não foi ainda ‘decifrado’, ao ser apenas lido: deve ter início, então a sua *interpretação*, para a qual se requer uma arte da interpretação”. O leitor precisa praticar a “leitura como *arte*”,³³ acompanhando o ritmo que é dado pelo escritor. A lentidão é requerida porque é o ritmo da atenção, do cuidado e do zelo, como o de um ourives no seu trabalho detalhista, de um *Kenner*, isto é, de um especialista e de um apreciador da palavra. O pedido por leitores prudentes é, portanto,

²⁸ AC, §53.

²⁹ AA, Prólogo, §5.

³⁰ AC, §52.

³¹ Expressão do FP 6[240] do outono de 1880. Ver também ZA, IV, Do homem superior, §8: “Muita prudência, ó homens superiores! Porque nada é mais raro e precioso, aos meus olhos, do que a honestidade”.

³² Sobre a relação entre veracidade e prudência, ver o FP 40[43] de agosto – setembro de 1885.

³³ *Genealogia da Moral* (doravante GM), Prólogo, §8. Sobre isso, Nietzsche diz no EH, Por que escrevo tão bons livros, §5: “um bom leitor – um leitor como eu o mereço, que me leia como os bons filólogos de outrora liam o seu Horácio”

análogo ao pedido para que não o confundam.³⁴ Nietzsche pede, acima de tudo, que o compreendam como ele é. E se chega a desejar a incompreensão de alguns é apenas na medida em que ela seja sintomática da superioridade de seu pensamento em relação àqueles que não o compreendem:

Não queremos apenas ser compreendidos ao escrever, mas igualmente *não* ser compreendidos. De forma nenhuma constitui objeção a um livro o fato de uma pessoa achá-lo incompreensível: talvez isso estivesse justamente na intenção do autor – ele não *queria* ser compreendido por ‘uma pessoa’. Todo espírito e gosto mais nobre, quando deseja comunicar-se, escolhe também os seus ouvintes; ao escolhê-los, traça de igual modo a sua barreira contra ‘os outros’. Todas as mais sutis leis de um estilo têm aí sua procedência: elas afastam, criam distância, proibem ‘a entrada’, a compreensão, como disse – enquanto abrem os ouvidos àqueles que nos são aparentados pelo ouvido.³⁵

Sem dúvida é esse o sentido do subtítulo de *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. É o estilo, pois, que tem a responsabilidade não apenas de comunicar um *pathos*, mas de restringir essa comunicação aos poucos que podem revivê-lo. Para aqueles que compartilham o *pathos* do estilista, para os aparentados pelo ouvido, para eles Nietzsche não quer absolutamente ser incompreensível, muito pelo contrário. Não por mero acaso Zaratustra diz: “De tudo o que se escreve, aprecio somente o que alguém escreve com seu próprio sangue” e ele continua: “Não é fácil compreender o sangue alheio; eu detesto todos os ociosos que leem”.³⁶ A lentidão filológica não é ociosidade. A leitura cuidadosa e prudente aparece como único meio para que se compreenda o “sangue alheio”, isto é, para que seja possível compartilhar o *pathos* do autor. Para que se possa vivenciar *com* Nietzsche – isto é, reviver o *pathos* que ele quis comunicar –, é preciso ler implicado na leitura e essa implicação é a devoção do trabalho filológico incansável, extremo oposto de qualquer ociosidade. Além disso e principalmente, é necessário ter com Nietzsche a “afinidade pela *altura* do querer”,³⁷ pelo que só dessa maneira se faz possível “penetrar”³⁸ nos seus escritos. A honestidade e a prudência não são suficientes para que ocorra o compartilhamento de vivências interiores se não for possível experimentar singularmente o *pathos*, pois “não se tem

³⁴ Ver o FP 3[1] da primavera de 1880: “eu posso ao menos esperar assim ter conseguido que todos os meus últimos pensamentos da presente obra *não* sejam lidos *sem prudência*”.

³⁵ GC, §381.

³⁶ ZA, I, Do ler e escrever.

³⁷ EH, Por que escrevo tão bons livros, §3. Ver também o prólogo de AC: “Pois bem! Esses são os meus leitores, meus verdadeiros leitores, meus predestinados leitores: que importa o *resto*? – O resto é apenas a humanidade. – É preciso ser superior à humanidade pela força, pela *altura* da alma – pelo desprezo...”.

³⁸ EH, Por que escrevo tão bons livros, §3.

ouvido para aquilo a que não se tem acesso a partir da experiência”.³⁹ O leitor precisa reconstruir a sequência de ideias do texto e, para tanto, essas ideias precisam ser mescladas com as suas próprias experiências⁴⁰.

Por consequência, é impossível saber *a priori* se somos verdadeiramente capazes de compartilhar o *pathos* com o autor do texto. Haverá sempre a dupla possibilidade de que o leitor tenha as mesmas experiências do autor ou não. E mesmo no primeiro caso, quando há então o compartilhamento, a reconstituição da corrente de ideias não será nunca idêntica àquela do autor. Voltemos então à pergunta capital de Zaratustra: “se vossa dureza não quisesse fulgurar e cortar e retalhar, como poderíeis, algum dia – criar comigo?”⁴¹ A releitura que comenta, dura porque criativa, corta ou separa e retalha o texto. Na medida em que todo corte é eleição de partes, esse movimento de releitura é criação e saída do texto. O leitor deve começar seu trabalho por esse reconhecimento. Com a prudência se preserva a atenção interminável de testar continuamente a validade do corte realizado. Talvez seja esse o caminho para entender como Nietzsche nos aconselha a lê-lo: “faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido – e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam ‘legíveis’ –, para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e *não* um ‘homem moderno’: o *ruminar...*”⁴² É preciso mastigar o texto e, ao mastigar, pensar sobre cada detalhe, cada palavra e cada frase em sua relação com as demais. Mastigação é exercício de responsabilidade e de atenção extrema. Ruminar é tornar a mastigar, é operar o corte, o recorte, a seleção, unicamente para que se digira cada pedaço do texto. Nesse sentido, a leitura é criação e saída, e ao mesmo tempo entrada e justiça, porque é resultado singular da digestão do leitor em sua singularidade. Cada leitor, para compartilhar o *pathos* do autor através do texto, precisa mesclar suas vivências singulares ao que é lido e essa mescla está presente na “digestão” do texto. A perspectiva única do leitor influencia a maneira pela qual o texto é cortado. Logo, a leitura deve ser responsável pelos cortes que realiza e pelo jogo de esquecimento-omissão e explicitação-preferência de trechos específicos. Esse jogo hermenêutico é, portanto, jogo singular, e varia segundo a perspectiva de cada leitor. Primeira conclusão importante: nem todas as leituras perspectivas são justas, como é o caso daquelas que não apenas não admitem a responsabilidade da ruminação como

³⁹ EH, Por que escrevo tão bons livros, §1.

⁴⁰ Ver FP 20[3] do inverno de 1876-77 e o FP 34[86] de abril-junho de 1885.

⁴¹ ZA, III, De velhas e novas tábuas, §29.

⁴² GM, Prólogo, §8.

também que se arrogam o direito de ter a única interpretação possível. Segunda conclusão: muitas leituras perspectivas honestas são possíveis e é impossível eleger uma perspectiva como a única correta.⁴³ Isso porque cada comentador singular só pode compartilhar um *pathos* ao “criar com” e cada vivência interior criativa singular pode dar-se por um jogo hermenêutico honesto e responsável, cada um à sua maneira.

A coragem

A criação é prudente, pois ela é amor de amantes, mas também amor de pais. Essa dupla significação acompanha a dualidade de objetos de amor: em primeiro lugar o amigo ou o amante de quem se retira amorosamente os gametas para gerar um filho e, em segundo lugar, o próprio filho. Mas essa dualidade é aparente. O amor à criança é a significação íntima obliterada pelo amor ao amante.⁴⁴ A prudência, portanto, não é apenas o cuidado da honestidade com o amante; a prudência é, sobretudo, cuidado com o futuro, com o fruto da amizade que compartilha a alegria, a saber, esse filho que é “criado com”. Essa metáfora da gravidez é utilizada por Nietzsche para dizer a criação. Zaratustra disse: “Ó criadores, ó homens superiores! Só se é grávido em vista do próprio filho”, o que ele explica em seguida dessa maneira: “A vossa obra, a vossa vontade é o *vosso* próximo”.⁴⁵ Para a criação de uma obra é preciso que haja a prudência como de uma mãe: “tua virtude é prudência de mulher grávida: tu proteges e cuidas de teu fruto sagrado, teu futuro”.⁴⁶ A proteção “materna” é a garantia de uma obra mais refinada e forte, mais rica e poderosa. Logo, também intelectualmente é necessário evitar os perigos que possam enfraquecer um filho: “É preciso esquivar-se tanto quanto possível do acaso, do estímulo de fora; um como que emparedar-se a si mesmo está entre as sabedorias instintivas de gravidez espiritual”.⁴⁷ Todavia, apenas essa prudência que quer a criação é desejável para Nietzsche: “Eu honro a virtude quando ela é a prudência daquele que vai dar à luz – mas

⁴³ Ver também sobre esse assunto o §84 de *Aurora*.

⁴⁴ É o sentido do casamento para Nietzsche, para quem seu objetivo deve ser o de gerar um filho mais forte que seus pais: “Casamento: assim chamo a vontade a dois de criar um ser que seja mais do que aqueles que o criaram. Respeito mútuo, chamo ao casamento, respeito por aquele que quer com essa vontade”; ZA, I, Dos filhos e do casamento. É interessante ver as ligações dessa posição com a de Schopenhauer, para quem “toda troca amorosa da geração atual é, da parte de toda a raça humana, uma grave meditação sobre a composição da geração futura” (Schopenhauer, A. *O mundo como Vontade e representação*. Suplementos. Metafísica do amor, p.1289).

⁴⁵ ZA, IV, Do homem superior, §11.

⁴⁶ FP 31[37] do inverno de 1884-1885.

⁴⁷ EH, Por que sou tão esperto, §3.

o que me importa a virtude do estéril!”⁴⁸ ele escreve. Pode-se desvendar a metáfora pensando ainda em nosso problema; a leitura prudente e honesta não pode ser estéril, caso haja a pretensão de ser criativa.

Honestamente, nós percebemos que é o egoísmo que nos empurra para a descoberta da leitura e para a criação do comentário. Como diz Zaratustra: “E, mesmo se fazeis alguma coisa ‘pelo próximo’ – não decerto para ele obrais como criadores!” e ele continua: “No vosso egoísmo, ó criadores, está a providência e a providência da futura parturiente! Aquilo que ainda ninguém viu com olhos, o fruto: a esse protege e preserva e alimenta o vosso amor inteiro”⁴⁹. Egoisticamente, o leitor criador sai por vezes do texto ou o utiliza segundo seus próprios interesses. Por uma forma de ódio, em contrapartida, ódio paradoxal porque voltado aos amigos, é que conquistamos a criação: “E por que não quereis arrancar folhas da minha coroa?”, continua Zaratustra: “o homem do conhecimento não deve poder, somente, amar seus inimigos, mais, ainda, odiar também seus amigos”.⁵⁰ O ódio substituiu momentaneamente o amor – ou melhor, ama-se e odeia-se ao mesmo tempo. Odiar amando é a ambivalência típica da leitura criativa e, pois, fonte da dor da parturiente.

Se Nietzsche quer que seus discípulos sejam criadores, a prudência da esterilidade é recusada por ele. É preciso que se tenha nem pouca nem muita prudência, mas a medida certa. Deve-se tê-la para não confundir o texto pela leitura e igualmente por proteger o comentário que nasce. É dessa maneira que se pode compreender Zaratustra quando ele diz: “*preciso* não usar de prudência, assim quer o meu destino”.⁵¹ Depois de por várias vezes ter elogiado a prudência, Nietzsche a recusa. Por quê? Porque o movimento criativo exige um pouco de audácia para enfrentar o desconhecido. A criação faz o novo que é sempre mais ou menos imprevisível. Há um mínimo de imprudência necessária para toda criação. Não é por acaso que Nietzsche diz em outro lugar que seu leitor perfeito, prudente e honesto, precisa conquistar seus escritos “com os dedos mais tenros, e com os punhos mais bravos”. Logo, a delicadeza característica da prudência não basta. É preciso ter também a audácia, a bravura, a coragem. Como podemos compreender esse novo afeto? Nietzsche escreve em seguida outras características de seu leitor perfeito e essa descrição pode nos ajudar a esclarecer a

⁴⁸ FP 17[13] do outono de 1883. Ver também 22[6] do fim de 1883.

⁴⁹ ZA, IV, Do homem superior, §11.

⁵⁰ ZA, I, Da virtude dadivosa, §3.

⁵¹ ZA, IV, O feiticeiro, §2.

questão: “Quando busco formar a imagem de um leitor perfeito, resulta sempre em um monstro de coragem [*Muth*] e curiosidade, e também em algo flexível, engenhoso, cauteloso [*Vorsichtiges*], um aventureiro e descobridor nato”.⁵² O leitor que tem a afinidade de orelhas com Nietzsche, seu amigo com quem ele compartilha o *pathos*, ele é corajoso, curioso, flexível, engenhoso. Ele é um aventureiro, descobridor e experimentador à maneira do *Nitimur in vetitum*,⁵³ a coragem para o proibido na qual o proibido é a verdade: “*Nitimur in vetitum*: com este signo vencerá um dia minha filosofia, pois até agora proibiu-se sempre, em princípio, somente a verdade”. Com essa frase incisiva, Nietzsche conclui sua argumentação precedente, na qual ele utilizou novamente a metáfora da visão e da luz bem como da cegueira e da sombra, mas, dessa vez, não para elogiar a honestidade ou a prudência e sim a coragem: “Erro (– a crença no ideal –) não é cegueira, erro é *covardia*... Cada conquista, cada passo adiante no conhecimento é *consequência* da coragem, da dureza consigo, da limpeza consigo...”.⁵⁴

Ainda que a passagem sirva para especificar não se tratar de cegueira, mas sim de covardia, a metáfora não é totalmente abandonada. Nós devemos reler a fala de Zaratustra sobre esse assunto. Como nós já lemos, ele diz: “Além do ponto em que termina a minha honestidade, sou cego e, também, quero ser cego. Naquilo que quero saber, porém, quero, também, ser honesto, ou seja, duro, severo, escrupuloso, preciso, cruel, implacável”.⁵⁵ A coragem (*der Muth*) que se opõe à covardia da crença ou da fé, é a coragem da vontade de saber que se afirma duramente, severamente, cruelmente consigo mesma. É a coragem face à realidade, que consiste em dominar-se e em dominar as coisas,⁵⁶ a coragem de “pensar *até o final*”⁵⁷ para “ver as coisas como elas são”.⁵⁸ Assim, a verdade só pode ser conquistada pelo corajoso: “Exatamente segundo esta medida de força nós nos aproximamos da verdade. O conhecimento, o dizer sim à realidade, é para o forte uma necessidade tão grande quanto para o fraco, sob a inspiração

⁵² EH, Por que escrevo tão bons livros, §3.

⁵³ “Lançamo-nos ao proibido” é um recorte do verso 17 do poema IV do livro 3 de *Amores* de Ovídio. O verso completo de Ovídio é: “*Nitimur in vetitum semper cupimusque negata*” (lançamo-nos sempre para o proibido e desejamos o que se nos nega). Posto como “signo” por Nietzsche, ganha conotação imperativa que não existe em Ovídio. Este parece querer designar uma característica humana geral, a vontade de contradizer o poder que se lhe impõe, donde a segunda oração do verso – “*cupimusque negata*” – ocupa importância maior para o contexto do poema. Ver AC, Prólogo e também BM, §227.

⁵⁴ EH, Prólogo, §3. Não por acaso também em BM, §227, o *nitimur* é relacionado à honestidade.

⁵⁵ ZA, IV, A sanguessuga.

⁵⁶ CI, O que devo aos antigos, §2.

⁵⁷ FP 11[339] de novembro de 1887 – março de 1888.

⁵⁸ FP 14[22] da primavera de 1888.

da fraqueza, a covardia e a *fuga* diante da realidade – o ‘ideal’...”⁵⁹. E mesmo para desejar conquistar a verdade, para amá-la, é preciso primeiramente ser corajoso: “Quanta verdade *suporta*, quanta verdade *ousa* um espírito?”, pergunta Nietzsche.⁶⁰ A força para suportar a verdade é medida pelo grau de coragem e vice-versa. Mas é preciso não esquecer nunca alguma dose de prudência. A tensão entre a audácia criativa e a moderação é a tensão própria da honestidade intelectual. Nas palavras de Nietzsche: “Quando, pela prática de uma longa cadeia de gerações, se acumulou suficientemente delicadeza, audácia [Tapferkeit], prudência e moderação, a força do instinto dessa virtude encarnada irradia até a mais alta intelectualidade – e esse raro fenômeno torna-se visível: a *honestidade intelectual* [die intellektuelle Rechtschaffenheit]”.⁶¹ Nesse sentido, tomando sempre o real como referência, mede-se o limite da possibilidade da audácia: “Mas já não quero ouvir falar de todas essas coisas e questões que não permitem o experimento. Este é o limite do meu ‘senso de verdade’; pois ali a coragem [Tapferkeit] perdeu seu direito”.⁶²

É também nesse sentido que se pode falar, com Nietzsche, em liberdade de espírito: “Verdade e coragem somente com aqueles que são livres”, diz Nietzsche para acrescentar: “a verdade é uma *forma de coragem*”.⁶³ Pensar livremente consiste em “olhar livremente”, sem estar preso às convicções.⁶⁴ E a palavra “espírito”, para ele, não significa outra coisa senão prudência e ardil.⁶⁵ Mas é preciso conquistar o espírito para ser livre e isso “exige muita coragem”.⁶⁶ O pensamento livre é movido por honestidade, coragem, justiça e amor⁶⁷ e como alegria do espírito, a gaia ciência,⁶⁸ o “riso aliado à

⁵⁹ EH, O nascimento da tragédia, §2.

⁶⁰ EH, Prefácio, §3. E ainda: “Minha coragem [Muth], sinceridade, veracidade, honestidade, ‘amor pela verdade’” (FP 34[181] de abril – junho de 1885). “A honestidade, por exemplo, seria em alguma medida curiosidade, orgulho, desejo de dominação, doçura, grandeza da alma, bravura [Tapferkeit]” (FP 6[65] do outono de 1880). Ver também GC, §283 sobre a relação entre amor à verdade e coragem.

⁶¹ FP 14[132] da primavera de 1888.

⁶² GC, §51.

⁶³ FP 7[84] da primavera – verão de 1883. Ver também o FP 37[14] de junho – julho de 1885 e o FP 22[24] de setembro – outubro de 1888.

⁶⁴ FP 11[48] de novembro de 1887 – março de 1888.

⁶⁵ “espírito, isto é, ardil e prudência” (FP 37[11] de junho – julho de 1885). Ver também o FP 40[55] de agosto – setembro de 1885 e CI, Incursões de um extemporâneo, §14.

⁶⁶ FP 32[9] do inverno de 1884.

⁶⁷ Ver FP 6[1] do inverno de 1882-1883.

⁶⁸ *Gai saber, gaya scienza e fröhliche Wissenschaft* são expressões para dizer a mesma ideia: “aquela unidade de *trovador, cavaleiro e espírito livre*” (EH, Gaia Ciência) ou “os pés ligeiros, fogo, graça” (*O Caso Wagner*, Carta de Turim, §10). Ver também GC, §327 onde Nietzsche se mostra contra a gravidade do pensamento sério.

sabedoria”,⁶⁹ que é enfim a recompensa da coragem.⁷⁰ Essa “coragem alegrada” é o prazer “de negar e decompor”, portanto, “uma crueldade” mesmo, essa própria dos que são duros.⁷¹ Esse prazer da dureza é o prazer do “dizer não” e do “fazer não”, portanto, “igualmente uma forma de coragem [*Tapferkeit*] que enfrenta o terrível, uma simpatia pelo que é atroz e problemático”.⁷² Como nós vimos, para criar com Zarathustra, deve-se ser duro e “fulgurar e cortar e retalhar”. A coragem livre e alegrada é a vontade dura de negar, no sentido específico de retalhar, cortar, separar.

O leitor amigo de Nietzsche, apesar de seu amor e ao mesmo tempo por causa de seu amor, quer a liberdade da criação. Mas, como sua liberdade é amorosa, ela será sempre parcial. Para criar com Nietzsche, o leitor precisa usar seu texto cortando-o, portanto, separando suas partes; seja para compreender honestamente o sentido do texto, seja para produzir os espaços vazios para a criação. No primeiro caso, o leitor se torna um pesquisador, no sentido íntimo da palavra, quer dizer, um descobridor, tal como o modelo de filósofo desejado por Nietzsche, Dionísio e sua “coragem de explorador e descobridor, sua impetuosa honestidade, veracidade e amor à sabedoria”.⁷³ No segundo caso, o leitor, pesquisador e descobridor, torna-se experimentador ou buscador. Não por mero caso Nietzsche lembra essas palavras de Zarathustra para definir seu leitor perfeito:

A vós, ousados buscadores [*Suchern*], experimentadores [*Versuchern*], e a quem se haja uma vez lançado com velas astutas em mares terríveis,
– a vós, ébrios de enigmas, alegres crepusculares, cuja alma é atraída com flautas a todo precipício traiçoeiro:
– pois não quereis sentir e seguir um fio com mão covarde; e, onde podeis adivinhar, detestais concluir...⁷⁴

A astúcia e a prudência, em uma palavra, o espírito do pesquisador é complementado pela criatividade, inventividade, inovação do experimentador: “Conosco, pesquisadores indutivos atuais, a perspicácia e a prudência contém mais de espírito e de invenção (e mesmo mais de imaginação) que com os filósofos propriamente ditos”, escreveu Nietzsche.⁷⁵ É preciso tentar, ousar, arriscar, e esse é precisamente o trabalho

⁶⁹ GC, §1.

⁷⁰ GM, Prefácio, §7.

⁷¹ Ver FP 35[43] de maio – julho de 1885.

⁷² FP 11[228] de novembro de 1887 – março de 1888.

⁷³ BM, §295. Ver também o FP 41[9] de agosto – setembro de 1885.

⁷⁴ EH, Por que escrevo tão bons livros, §3. Nietzsche cita ZA, III, Da visão e do enigma.

⁷⁵ FP 4[138] do verão de 1880.

do comentador criativo. O comentário é uma tentativa de induzir ou inferir o subentendido ou o implícito do texto. Sobretudo em Nietzsche e em seus escritos, frequentemente tão enigmáticos, o risco do comentário que infere é intransponível. Quando o leitor não mutila o texto para criar os espaços vazios de sentido e neles colocar sua criação, o texto mesmo está já mutilado. Como Nietzsche mesmo disse: “Em livros aforismáticos como os meus, entre e atrás de curtos aforismos estão montes de coisas e correntes de pensamentos [*Gedanken-Ketten*] proibidas e longas; mas se situam atrás de curtos aforismos e nos brancos que os separam”.⁷⁶ A análise de partes é a tentativa de interpretação do mistério, ela é a invenção para preencher os brancos do texto, ela é organização de sentido.

Para vivenciar a alegria com Nietzsche, o leitor criador precisa se tornar livre. Para compartilhar a gaia ciência, assim, é preciso sair corajosamente do texto. O paradoxo amor-ódio está sempre presente. É preciso usar, mas não abusar; criar, mas criar com; sair, mas também entrar. Trata-se de cumprir a tarefa da história da filosofia, tal como ela foi definida por Deleuze, a saber: dizer o que o escritor não dizia, mas que está, contudo, presente no que ele diz. Se o não dito do autor foi completamente perdido e se sua herança é unicamente o texto, é preciso utilizá-lo amplamente. É preciso prudentemente citar sempre suas partes para não o esquecer e para fornecer então as provas de honestidade. Por outro lado, é preciso esquecer as outras partes ou mesmo as ignorar deliberadamente. É preciso cortá-lo, eliminando a *maior parte* do texto. Isso exige não apenas muita coragem da dureza para destruir o texto pelo corte, mas, sobretudo, a coragem para fazê-lo com a angústia contínua que surge da preocupação de permanecer honesto enquanto se opera o corte.

Referências bibliográficas

DELEUZE Gilles. *Pourparlers*. Paris : Les éditions de Minuit, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe auf der Grundlage der Kritischen Gesamtausgabe Werke*, herausgegeben von Giorgio Colli undazzino Montinari, Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1967ff. und *Nietzsche Briefwechsel Kritische Gesamtausgabe*, Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1975ff., herausgegeben von Paolo D'Iorio. Acessado em várias datas. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/texts/eKGWB>

_____. *Œuvres philosophiques complètes*. Paris: Gallimard, 1968-1997, 18 volumes.

⁷⁶ FP 37[5] junho-julho de 1885.

“Criar com” Nietzsche: as virtudes filológicas da honestidade, prudência e coragem

OVIDE. Poème IV. Livre 3. *Amores*. Acessado em 14 de dezembro de 2009. Disponível em: <http://quadranteomega.wordpress.com/2009/08/12/poema-iv-do-livro-3-da-obra-amores-do-poeta-latino-ovidio/>

SCHOPENHAUER Arthur. *Le monde comme volonté et comme représentation*. Trad. de A. Burdeau. Paris: PUF, 2009.

WOTLING Patrick. *Nietzsche et le problème de la civilisation* Paris: PUF, 1995.

Recebido em 22/10/2018

Aprovado em 23/12/2018